



MÁQUINA DE LAVAR

Izabella Cristina Cristo Cunha

Um feixe de luz corta o seu rosto. Abre os olhos e com a vista turva sente o movimento ondular da cortina azul.

É verão. O sol teima em despertar antes.

Alguém deixou uma fresta na janela. A luz entrou e não teve jeito. Acorda mais cedo, mesmo sem querer. Não quer começar o dia ainda. Tem uma longa jornada de mulher pela frente.

Pisca um pouco. A vista melhora. Olha para o lado, como estátua, sem se mexer. O menino está lindo e deslumbrante, deitado no seu ombro. Respira um ronquinho de energia de paz. Parece um anjo.

Ninguém sabe o quanto, mas ele se remexe um bocado à noite. Revira e dá tantas voltas, que parece ser o parafuso no colchão envolto de mantas. Mas sempre para a cabeça e os braços fungando na direção da mãe. Todas as madrugadas, ele a acorda em algum momento. Tem sono leve. Sono de mãe recém-nascida que não possui ainda ouvidos surdos para qualquer revelia.

Quer fazer xixi. Decide que é hora de se mover. Com movimentos de malabarista treinada, segura a cabeça do menino e

retira delicadamente o seu braço que estava por debaixo do corpo dele. O menino remexe, mas não acorda. Sente um alívio.

Ainda com movimentos de circo, sai sorrateira do colchão. Pisa no chão frio com meia sola do pé.

Faz xixi sem dar a descarga. Pega o celular e encosta a porta do quarto do anjo. Continua a andar pela casa como pisando em nuvens de plumas até fechar a porta do corredor, que isola os quartos.

Esquenta a água na cozinha. Faz um café forte para o marido. Deixa água medida na chaleira para a mamadeira que ele há de esquentar mais tarde. Lembra de tirar a carne do congelador para o almoço.

O gato preto mia enroscando-se aos seus pés. Enche o pote com um pouco de ração fresca. Troca a água dos gatos e pensa que gato também tem fome e sede. Lembra da caixa de areia e segue então até a área de serviço. Pega a pá, cava e joga os resquícios do gato no vaso. Agradece aos outros cientistas que inventaram a areia biológica. Se sente bem por não estar contaminando o mundo com mais sílica. Sente orgulho da ciência.

Lembra do tempo do mestrado, quando ainda fazia estudos com ratos. Separava os dejetos dos ratinhos *Wistar* em meio à serragem das gaiolas. O cheiro da urina dos ratos era mil vezes mais forte; uma invasão de amônia nas narinas que penetrava até o fundo do cérebro. Agradece não precisar mais fazer aquilo hoje em dia.

Dá a descarga sem medo do alto barulho. Enxerga a sua toalha estendida no varal e decide tomar banho no chuveiro da área

de serviço. Assim, não corre o risco de acordar os seus dois homens que ainda dormem na casa.

Toma o banho meio quente. Lava os cabelos crespos com plenitude. A água escorre por sua pele jambo, como uma calda de prazer da cabeça aos pés. Se sente viva. Enxuga o corpo, recebe com um arrepio o sopro levemente gelado. Lembra do frio do clima e das pessoas durante os dois anos que morou fora, quando cursava o doutorado. Não sente saudades. Agradece o verão do Brasil.

O estômago ronca um pouco, mas fica alegre. Vai tomar café com calma. Agradece ter acordado mais cedo.

Ainda enrolada na toalha, com passos similares ao do gato, retorna ao corredor, mas desta vez anda em direção ao seu quarto. O marido dorme espichado na cama, de boca aberta. Dentro do peito ela sorri. Ama um pouco mais o gentil marido. É dos poucos homens que tem a consciência que ela não é nem um pouco invisível.

Ela se veste. Sai do quarto, mas antes de chegar à porta do corredor ouve um “mamãe” e grunhidos. Anda rápido para o quarto do menino e o pega nos braços. Dá bom dia, um longo abraço e um fungado. Leva para a sala e fecha a porta do corredor delicadamente.

Larga o menino em meio aos brinquedos da sala. Ele pega dois carrinhos enquanto o gato preto se mete entre eles. Ela aproveita a calma e vai para a cozinha. Esquenta a água da mamadeira. Antes mesmo de terminar de misturar o leite, ouve passinhos saltitantes. O pequeno invade a cozinha, grunhi e aponta

para cima. Ela dá a mamadeira para o loirinho. Ele volta para a sala com a mamadeira pendurada entre os dentes.

Ajeita a mesa do café da manhã. Checa o celular. Responde ao bom dia das colegas de laboratório. Notícias de alarde sobre a pandemia. Agenda o pagamento do boleto do condomínio. Verifica a caixa de e-mails. A conferência sobre o estudo do genoma do coronavírus está confirmada. Devido à diferença de fusos horários dos participantes, será uma hora mais cedo do que se lembrava. Já está atrasada.

O marido surge na cozinha. Uma onda de alívio a invade. Ele diz bom dia e lhe dá um rápido beijo molhado e vai para a sala brincar com o menino.

Ela toma o café de um gole só. Tira foto da lista de compras anotadas na porta da geladeira enquanto atravessa a cozinha. Pega a bolsa, o computador e as chaves do carro. Dá um fungado no menino e um beijo seco no marido. Coloca a máscara e sai apressada.

Desce as escadas. No celular, a caminho do carro, revisa o artigo e os dados a apresentar na conferência. Relembra com orgulho o processo corrido que foi mapear o primeiro genoma do coronavírus no Brasil. Em menos de dois dias, o genoma estava todo decodificado. Foi um recorde mundial.

Chega na garagem, onde encontra o funcionário da limpeza e o cumprimenta. Ele é sempre muito simpático. Acha nobre os humanos que trabalham com a higiene do mundo. Agradece por ele existir e estar ali.

Entra com aperto no seu carro cinza pequenino. Quer xingar o vizinho que estaciona muito próximo da faixa.

Manobra hábil na garagem apertada. Aprendeu a dirigir depois de adulta, quando tinha algum dinheiro sobrando para isso. Sabe que dirige bem. Não comprou a carteira, como a maioria dos seus amigos próximos. Sobe habilidosa as rampas que encontra nas ruas e na vida.

Enfrenta um pouco de trânsito. Um motoqueiro passa resvalando o retrovisor da esquerda, ameaça chutar o carro e a xinga. Ela amaldiçoa os homens. Quer que todos os motoqueiros sejam atropelados e quebrem a perna.

Respira fundo. Estaciona com tranquilidade no largo pátio da universidade. Escuta eco ao som do alarme do carro. O campus, antes tão cheio de vida, passos e cores, agora é um vasto silêncio.

Sabe do risco de sair, mas prefere fazer a conferência do trabalho. Em casa, não consegue se dedicar com atenção com o menino no seu pé. Após o laboratório, iria para o hospital de qualquer jeito. Também, pensa, já foi vacinada. Tem receio, mas acha que o seu papel mais importante é o do enfrentamento. Sente-se como uma peça fundamental no xadrez da guerra contra o vírus. Ama a ciência e quer provar para o mundo o que uma mulher é capaz.

Entra na sua pequena sala e liga direto o computador, que demora mais do que o necessário. Coloca o fone de ouvido.

Adentra a sala da conferência on-line. Repara que é a única mulher.

Doutor Charles, da Universidade de Washington, pergunta quando *doctor* Silva vai entrar. Ela responde: "*I'm here*". Charles,

lá de Washington, levanta as sobrancelhas em breve espanto e mesmo através da tela sente-se o peso do ar de desconcerto. Por dentro, ela se diverte. Já está vacinada contra o vírus do preconceito há muito tempo. Desde criança fora acostumada com a incredulidade dos adultos quando dizia que seria cientista. Passou bem pelos olhares estranhos e sobreviveu às piadas dos colegas da faculdade.

Ela discursa e quem ouve, nota um brilho extra na tela. Apresenta os dados atualizados do genoma das novas variantes do vírus. Repara de permeio alguns rostos impressionados. Responde perguntas. Anota tópicos. Nota poucas cabeças em movimento. Responde a mais questionamentos. Eles trocam notícias. Concorde em participar da pesquisa com dados cruzados das novas variações em outros continentes. Combinam os recursos. Tem a consciência de meses de trabalho árduo à frente.

Terminada a conferência, fecha o computador com orgulho. Segue ao laboratório, onde a aguardam alguns alunos e duas colegas do projeto.

O dia passa rápido. Atualiza os dados da pesquisa. Faz um novo treinamento dos alunos. Registra os dados dos testes do dia. Vê de relance as notícias. Lamenta o número de mortos. Sente-se uma pessoa útil. Anda entre universidade e hospital com o orgulho de ser uma boa arma humana num mundo de pandemia.

Meio da tarde, terminada as grandes missões do dia, decide voltar para casa mais cedo. Quer passar antes no mercado.

Olha as prateleiras e acha tudo muito caro. A bolsa do doutorado ajuda, mas o menor número de pacientes para consultas despencou o seu orçamento. Agradece o emprego do marido, de

*home office*. Pelo menos ele tem a carteira assinada e garante o plano de saúde.

Carrega as compras com gosto e as joga no porta-malas. O sol teima em repousar antes. Chega em casa cedo, mas parece noite. Tem certeza de que a babá já foi embora.

Dá graças a Deus que o vizinho do lado não está e estaciona de frente, para ficar mais fácil de pegar as compras no porta-malas. Pega todos os sacos de uma vez. Aperta o botão do elevador com o cotovelo.

Adentra pela cozinha, retira os sapatos e os leva para a área de serviço. Ouve um grunhido vindo da sala. “Mamãe”. “Quem chegou?”. Passos de alegria. Tira a roupa veloz e nua, vai se lavar no banheirinho da área de serviço. O menino e, logo atrás, o marido batem à porta. Não tem mais direito à privacidade. Está acostumada.

O menino chuta água com alegria. Ela sorri. O marido pega o menino aos sons de birra e o carrega para a sala. Fecha o chuveiro. Enxuga a pele de qualquer jeito e se enrola na toalha.

Atravessa correndo a cozinha em direção ao quarto ainda a tempo de ver a enorme pilha de louça suja na pia.